

Apresentação

Dossiê Intelectuais e Pensamento Social Brasileiro

Caio César Pedron¹

Luccas Eduardo Maldonado²

O Dossiê *Intelectuais e Pensamento Social Brasileiro* da Revista *Idéias* reuniu diferentes perspectivas de tratamento do problema da vida intelectual, tanto na sua dimensão biográfica-contextual, quanto no processo de circulação das ideias. A percepção de elementos literários, poéticos e filosóficos, verdadeiros vestígios de um eu metafórico internalizado no processo de autoria, confere uma tonalidade particular ao dossiê, permitindo releituras enriquecedoras e atribuindo aos diferentes fragmentos textuais um sentido de totalidade único.

A entrevista concedida pela professora da Universidade de Campinas (Unicamp) Heloísa Pontes aos organizadores, “Dos Novos Movimentos Sociais aos Intelectuais: a Trajetória investigativa de Heloísa Pontes”, é um importante registro histórico de uma das principais personalidades do campo dos estudos dos intelectuais no Brasil. Um destaque no diálogo está posto na mudança de temática orquestrada pela professora do mestrado ao doutorado, transitando de uma etnografia do movimento S.O.S Mulher para uma investigação sobre os círculos intelectuais da metrópole paulista. O projeto História das Ciências Sociais no Brasil, coordenado pelo Instituto de Estudos Econômicos Sociais

¹ Doutorando em Sociologia (PPGS/UNICAMP). Email para contato: c192481@dac.unicamp.br.

² Doutorando em História (PPGH/UNICAMP). Email para contato: l203815@dac.unicamp.br

e Políticos de São Paulo (IDESP) e financiado pela Fundação Ford, foi um importante catalisador dessa transformação, pois através do estudo das coleções Documentos Brasileiros e Biblioteca Histórica Brasileira a autora tomou contato com a história editorial.

Pontes auxilia na compreensão de um momento singular da história das ciências sociais brasileiras por meio de um esforço reflexivo sobre a própria trajetória. A sociologia dos intelectuais e da cultura são importantes eixos de articulação de sua reflexão, organizada em torno das universidades estaduais paulistas e do IDESP. A sua obra forneceu contribuições ao entendimento de como as elites intelectuais se organizaram durante os primeiros anos da sociologia paulista. Iluminou a “homologia estrutural” entre diferentes grupos produtores de cultura, em especial a ordem da vida intelectual e aquela destinada aos artistas. Em suma, o registro memorialístico se une à vocação analítica para fornecer um panorama de uma geração de investigadores e de um conjunto bibliográfico que ajuda a organizar a atual percepção sobre a sociologia da cultura e dos intelectuais.

Dando seguimento à construção do dossiê, passa-se ao estudo de Lucas José Magalhães Alves e Vera Lúcia Nogueira, “Entre Araxá e Belo Horizonte: itinerários intelectuais das professoras Letícia Chaves e Leonilda Montandon (1929-1944)”. Trata-se de uma investigação prosopográfica de duas importantes professoras e intelectuais responsáveis pela disseminação da corrente metodológica escolanovista na formação magisterial de Minas Gerais. O núcleo argumentativo está dado pela trajetória entrecruzada das investigadas. Eram de famílias ligadas ao magistério de Araxá, fazendo parte da rede de intelectuais formadas pela Escolas de Aperfeiçoamento de Minas Gerais (EAMG), e participavam do associativismo político presente na Associação dos Professores Públicos de Minas Gerais (APPMG). A inovação do estudo de Magalhães e Nogueira está no deslindar desse núcleo formativo do professorado mineiro, revelando um entendimento abrangente do “objeto” intelectuais e ajudando a compreender os processos de circulação e transmissão das modernas teorias pedagógicas aos professores da rede pública de ensino.

O trabalho de João Victor Lourenço de Castro, “Do republicanismo ao comunismo: a trajetória de Valério Konder”, está também focado nas transformações profundas que ocorreram na década de 1930. Interessante ponto de contato com o trabalho anterior, Konder atuou como inspetor de ensino sob os preceitos da Escola Nova. A hipótese de trabalho perseguida por Castro está dada na significativa ideia de que a cultura política comunista, com seus círculos de sociabilidade e personalidades, foi o fator mais relevante na substituição de uma herdada cultura política republicana por outra visão de mundo (*weltanschauung*), apresentada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). A participação de Valério Konder no Clube de Cultura Moderna é de fundamental relevância para a tese, tendo em vista que lá se dava a produção e a circulação da *Revista Movimento*, sendo possível também congregarem-se com um extenso hall de personalidades como Edgar Roquette-Pinto, Mário Pedrosa, Fúlvio Abramo, Febus Gikovate e outros. Além disso, o clube aproximou Valério da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Foram os espaços de sociabilidade e circulação de Valério Konder que possibilitaram a sua convergência ao PCB, sendo, ao que tudo indica, os fatores fundamentais para sua adesão “afetiva” ao comunismo.

O texto de Paulo Henrique Rigolin de Moraes, “Obra e seus Leitores: apontamentos sobre a primeira edição de *Os Donos do Poder*”, caminha da história de vida do autor à biografia da obra, enfatizando a recepção da primeira edição do clássico de Raimundo Faoro no debate esclarecido. Por isso, acrescenta uma consciência institucional das formas pelas quais o campo de produção acadêmico avalia suas construções intelectuais, fortalecendo o entendimento sobre as regras de atribuição e validação canônica de um documento. O mote principal do texto está colocado na apresentação da fortuna crítica de *Os Donos do Poder*, apresentando as interpretações correntes e as críticas que o livro ensejou em suas duas edições. O estudo tem um interessante *insight* sobre os dois diferentes “momentos” editoriais do livro: enquanto a primeira versão de 1958 teve uma tiragem pequena com pouca recepção; a segunda alcançou 28 reimpressões, o que pode indicar uma

mudança de público leitor, bem como, dos humores desse para com interpretações do país.

Na esteira dos estudos da recepção, o trabalho de Hélio Roberto de Francischi Chagas, “Um intelectual entre o concebido e o vivido ou o pensar periférico de Lefebvre na periferia do capitalismo”, apresenta panorama do consumo da obra do intelectual francês no cenário de um Brasil em uma ditadura militar. Chagas articula os conceitos lefebvrianos de *concebido* e *vivido* para debruçar-se sobre a própria obra, em uma espécie de crítica da dimensão biográfica dos conteúdos intelectuais. Mais do que apenas um perfil intelectual, o trabalho contrasta o momento de recepção das primeiras obras de Henri Lefebvre nos círculos de intelectuais da Universidade de São Paulo (USP) com a produção crítica do próprio autor sobre essa fase dos seus escritos no contexto francês. Destaque para o descompasso entre o “otimismo da vontade”, que foi incorporado ao diagnóstico crítico dos estudiosos brasileiros, e o pessimismo realista de Henri Lefebvre diante do pós-maio de 1968, demonstrando a relevância do contexto de recepção para assimilação e “atualização” de aspectos da obra de um autor.

Felipe de Souza Mello apresenta um estudo sobre as afinidades eletivas entre literatura e crítica social em “A inspiração machadiana na interpretação do Brasil de Roberto Schwarz: independência intelectual e negatividade na periferia do capitalismo”. O esforço do texto está posto em colocar a figura de Schwarz sob a sombra de dois gigantes, Theodor W. Adorno e Machado de Assis, demonstrando a estratégia analítica de aplicar a crítica imanente adorniana ao romance de maturidade *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A trajetória de Schwarz é resgatada para investigar o cenário particular de emergência do seu pensamento crítico dentro da “escola de sociologia paulista”, destacando a importância do grupo de estudos alcunhado como “Seminário d’O Capital”.

A dinâmica do círculo de intelectuais teve importante implicação na vida e obra de Roberto Schwarz, entretanto a sua experiência na Universidade de Yale, após o insucesso na tentativa

de uma bolsa de estudos com Adorno na Alemanha, deu outra tonalidade aos seus estudos, tornando-o um crítico literário profissionalizado pelo ritmo incessante de trabalho dos americanos. O autor retomou o contato com seus colegas do “Seminário de Marx” no seu retorno ao Brasil, quando se associou ao recém criado Centro Brasileira de Análise e Planejamento (CEBRAP). Schwarz veiculou boa parte dos seus ensaios de interpretação da realidade brasileira na revista do instituto, *Cadernos CEBRAP*. Está nesse âmbito o mérito do artigo de Souza Mello: iluminar as interpretações presentes nos textos de Schwarz produzidos naquele momento, mostrando como a obra de Machado de Assis foi ressignificada à luz daquela conjuntura.

O trabalho de Débora Garcia Restom, “Um diálogo entre Dialética Negativa, de Theodor Adorno, e ‘O alienista’, de Machado de Assis”, apresenta uma interpretação sobre as *afinidades eletivas* presentes na obra do escritor brasileiro e do filósofo alemão. A ênfase da autora está dada no procedimento alcunhado por Adorno como “dialética negativa”, que poderia ser cotejado com os procedimentos estéticos de Machado de Assis em “O Alienista”. As críticas ao realismo-naturalista de Simão Bacamarte na aplicação das definições de normal e patológico na pequena cidade de Itaguaí se aproximam em muito dos questionamentos ao positivismo elaborada por Adorno, inclusive no seu debate com o pai do positivismo metodológico, Karl Popper. Ficção e realidade se entrecruzam no artigo de Restom para demonstrar quão poderosa pode ser a crítica que sorve da construção estética o olhar estranhado para com a realidade experimentada, demonstrando quão limitado é o escopo científico quando apartado de uma dimensão metafórica que só a experiência estética pode proporcionar.

O trabalho de Piero di Cristo Carvalho Detoni, “Vestígios nietzschanos em *A América Latina: males de origem* (1905), de Manoel Bomfim”, termina a constituição de um dossiê caracterizado pela pluralidade de perspectivas de objetos e horizontes teórico-metodológicos, sem perder de vista a coerência e a regularidade de uma comunidade de pesquisadores estudiosa do fenômeno

dos intelectuais. Detoni dá ênfase no seu trabalho ao processo de apropriação de uma tradição filosófica por parte de um intérprete em um contexto não originário daquelas ideias, retomando um conjunto de problemáticas que se observou em outros textos deste dossiê.

Detoni recorre a interessante ideia de rede semântica para destacar quais eram os pontos de maior contato entre o pensamento de Friedrich Nietzsche e os problemas brasileiros, isto é: os excessos do passado, à crítica da empedernida moral cristã, a vontade de potência e a procura por uma autonomia individual em um mundo demasiadamente determinado por relações de poder e mando tradicionais. O descompasso entre a produção e a recepção das ideias aparecem quando percebemos que o empreendimento crítico de Nietzsche foi mobilizado por Bomfim para incutir uma ideia de escolarização iluminista, algo impensado por um dos principais críticos do *Aufklärung*. O projeto educacional de Bomfim buscava qualificar as pessoas para superação do processo de massificação típico na história da América Latina, habilitando os locais para a criação de novos valores sob a égide de um ideal de individuação superior. Dessa forma, Nietzsche é usado *com* o iluminismo e *contra* o atraso das concepções tradicionalistas, resignificado-o para transformar a situação destes tristes trópicos.

Por fim, os organizadores agradecem a todos que viabilizaram a construção desse dossiê: autores, pareceristas e equipe de diagramação da Unicamp. Que o leitor tenha uma ótima leitura.